



GT13 - Educação Fundamental – Trabalho 552

A EDUCAÇÃO SOCIAL DESENVOLVIDA NA AULA DE “ESTUDO DIRIGIDO” NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E(M) TEMPO INTEGRAL DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO (RJ)

Marcio Bernardino Sirino - UNIRIO

Agência Financiadora: PROJEX – UERJ/FFP

Resumo

O presente artigo objetiva socializar as conclusões parciais de uma pesquisa desenvolvida nas aulas de “Estudo Dirigido” num Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), localizado no município de São Gonçalo (RJ), no último bimestre de 2016. Esse trabalho é parte integrante de uma grande pesquisa produzida pelo Projeto de Extensão “Fora da Sala de Aula” da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP – intitulada “*Formações, Representações e Práticas educativas não escolares e/ou extracurriculares no município de São Gonçalo*”. Embasado nos pressupostos de Célestin Freinet e com a intenção de verificar, na prática, as discussões obtidas no campo da Pedagogia Social, nessa escola de educação integral e(m) tempo integral, apresentamos, a experiência pedagógica denominada “Envelopes Freinetianos”. A partir de uma metodologia e dinâmica própria, foram dispostos três envelopes (Felicitos, Proponho e Crítico) no corredor do terceiro andar da instituição na perspectiva de que os alunos tivessem um espaço para se expressarem, se sentissem valorizados, desenvolvessem a capacidade de reflexão e, ainda, ampliassem suas compreensões acerca do processo educativo e da avaliação pedagógica, além de contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita – ou seja, a busca pela formação humana mais completo desses educandos – uma educação integral. Assim sendo, essa prática educativa demonstrou, enquanto primeiras inferências, a importância da escuta desses sujeitos em seu processo educacional para que, ao longo do trabalho em tempo integral, os educadores possam organizar rotinas de trabalho socioeducativos que apoiem as tarefas cotidianas da escola, pois uma vez que as demandas grupais dos alunos são atendidas, torna-se mais fácil os processos de ensino-aprendizagem formal desenvolvidos pela escola.

Palavras-chave: Prática Pedagógica; Pedagogia Freinet; Educação Integral em Tempo Integral; Pedagogia da Convivência; Educação Social e Pedagogia Social.

INTRODUÇÃO

“A democracia de amanhã se prepara na democracia da escola”.
(Célestin Freinet)

Esse artigo aglutina discussões teóricas diferenciadas, porém que convergem em busca de um mesmo ideal, a saber: o desenvolvimento de processos de aprendizagem significativos. Embora a noção de qualidade – imbricada nesta terminologia ‘significativos’ seja, no mínimo, questionável e passível de problematizações diversas, entendemos que esses processos assim se constituem quando buscam “propiciar aos educandos instrumentos para saberem lutar e construir o sentido da vida e da história”, conforme nos aponta Souza Neto (2010, p. 36).

Nesta certeza, dispomos um diálogo entre os conceitos da Pedagogia Social e da Educação Social com os fundamentos da Educação Integral e da Educação em Tempo Integral – norteados pela Pedagogia Freinet por acreditarmos que esta articulação teórica e conceitual amplia, justamente, os processos de aprendizagem e nos fornecem subsídios para refletirmos sobre o campo da educação – dentro ou fora da sala de aula.

Destacamos que entendemos por Pedagogia Social como sendo a concepção de educação que identifica no contexto social instrumentos de transformação da própria realidade social dos sujeitos. Por sua vez, Educação Social se afina com a percepção de práticas pedagógicas – normalmente, em espaços não escolares – que, por meio de atividades socioeducativas, visam à emancipação das classes.

Neste bojo, dentro de uma perspectiva integral de educação, as atividades socioeducativas contribuem para o desenvolvimento humano mais completo – Educação Integral – dos sujeitos inseridos no processo de ensino-aprendizagem – estejam eles em situação de risco social, vulnerabilidade, envoltos por carências e demandas diversas bem como necessitados de mediação de conflitos e, ainda, de orientação na trajetória de suas vidas.

Convém salientar que, independente da extensão da jornada diária para os diferentes processos educativos, uma educação integral pode (e deve) ser desenvolvida, mas quando se veicula esta concepção de educação que busca o desenvolvimento humano mais completo do sujeito (COELHO, 2009) com a ampliação do tempo no campo da educação – Educação em Tempo Integral – se possui uma estratégia pontual para o desenvolvimento de práticas eficazes, ampliação dos processos de aprendizagem e, ainda, de materialização de uma formação integral. Desse modo, dentro ou fora da escola – em todos os espaços sociais – encontramos sujeitos que carecem de um olhar mais humanizado, uma escuta precisa e uma intervenção significativa – aspecto este que na união destes saberes podemos modificar os muitos ‘fazer’ do cotidiano escolar.

Tendo sinalizado os alicerces teóricos de nossa discussão, trazemos, neste artigo, uma experiência de educação social (enquanto prática pedagógica) que, fundamentada nos pressupostos da Pedagogia Social, foi desenvolvida no corredor de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), localizado no município de São Gonçalo/RJ, que, conseqüentemente, busca por uma educação integral e(m) tempo integral aos seus educandos. Destaca-se que esta pesquisa foi realizada como um ‘braço’ dos Projeto de Extensão “Fora da Sala de Aula” – da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – que, desde 2016, vem dialogando sobre educação social e pedagogia social.

Neste caminhar, convém destacarmos, a importância do instrumento metodológico adotado nesta pesquisa – os relatos de experiência e/ou as narrativas, bem como a inserção de fragmentos do diário de campo do professor responsável pela aula de “Estudo Dirigido” – enquanto “outros conhecimentos, outras formas de expressão” (OLIVEIRA, 2010) no campo da educação. Feitos estes que valorizam e potencializam as práticas educativas cotidianas e abrem espaço para valiosas reflexões.

Sinalizamos que, através da escrita da experiência dos processos socioeducativos estabelecidos com os alunos, objetivamos criar um método no qual por meio de uma linguagem acessível e reflexiva, viéssemos a valorizar as diferentes formas de produção e de socialização de conhecimentos na interação com os sujeitos do processo educativo – apontamento significativo, como nos afirma Oliveira e Geraldi (2010):

Para expressar conhecimentos em seus aspectos qualitativos, ou conhecimentos não aprisionáveis por esse modelo, são requeridas outras fontes, outras formas de dizer e fazer perceber o mundo que transcendem os limites da cientificidade escriturística. (p. 22)

Essas “outras formas de dizer” nos conectam com as contribuições de Alves (2001) quando nos afirma que “é preciso uma escrita para além da já aprendida” (p. 29) – ou seja, é preciso uma escrita que fale do cotidiano com o olhar de quem está inserido neste cotidiano e com a certeza de que ele é produtor de múltiplos e significativos conhecimentos. Antes, porém, de socializarmos maiores informações sobre a prática pedagógica que se destaca, nesta produção, apresentamos uma contextualização que visa contribuir para a compreensão da realização dessa pesquisa.

Desse modo, na reta final da pós-graduação *strictu-sensu* (Mestrado em Educação) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com a aprovação para o cargo de Docente II – Professor de Anos Iniciais do Ensino Fundamental – na Rede Pública Municipal de São Gonçalo/RJ e, ainda, com a participação no grupo de estudos sobre

pedagogia social deu-se início à materialização desta pesquisa no cotidiano escolar – enquanto oportunidade de exemplificar, na prática, os estudos realizados.

Ao tomar posse no concurso público, já no meado de outubro de 2016, houve um direcionamento para atuar num CIEP cujos alunos da educação infantil e do 1º segmento do ensino fundamental ficam numa jornada de ‘turno único’ passando, diariamente, 8h na unidade escolar – ou seja, permanecem em tempo integral.

Neste contexto, em diálogo com a equipe técnico-pedagógica desta unidade escolar, foi acordado que seriam ministradas aulas de ‘Estudo Dirigido’¹ com todas as turmas do primeiro segmento do ensino fundamental – 1º ao 5º ano de escolaridade – na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos.

No entanto, os mesmos precisavam de atividades que trabalhassem as emoções, valorizassem as vivências e os diálogos reflexivos – momento este em que foi possível correlacionar esta demanda com as discussões oriundas do campo da Pedagogia Social – obtidas nos grupos de estudo do Projeto de Extensão “Fora da Sala de Aula”.

Assim sendo, a pesquisa que se evidencia neste artigo foi proposta nesse campo de atuação pedagógica – de forma a utilizar os elementos da Pedagogia Social para auxiliar nas atividades de “Estudo Dirigido” nesse CIEP e, ainda, promover uma Educação Social. Nesta perspectiva, pontamos que a escolha do campo teórico da Pedagogia Social tem a sua justificação em Souza Neto (2010), uma vez que:

A finalidade da educação social é ajudar a compreender a realidade social e humana, melhorar a qualidade de vida, por meio do compromisso com os processos de libertação e de transformação social nos quais vivem ou sofrem as pessoas. (p. 32)

Sendo assim, tão logo as aulas foram iniciadas, houve a possibilidade de identificar, como oportuno, a associação da prática pedagógica desenvolvida nestas aulas com os pressupostos de Célestin Freinet² e, no cotidiano escolar do CIEP, adotar algumas das técnicas – ainda que de forma embrionária – de sua pedagogia. Convém salientar que, embora estejamos ‘tateando nos jardins de Freinet’, algumas considerações podem ser tecidas sobre sua “Educação pelo Trabalho”.

¹ ‘Estudo Dirigido’ refere-se a uma aula da parte diversificada do currículo que, através de recursos diversos e muita ludicidade, visa a contribuir para o desenvolvimento dos educandos focalizando ações que enriqueçam a leitura, escrita, oralidade, capacidade de expressão, reflexão e, ainda, de resolução de problemas e/ou desafios.

² Segundo Gadotti (1999), Célestin Freinet (1896-1866) nasceu na França e foi um dos educadores que mais marcou a escola fundamental de seu país neste século [...] Freinet afirmava a existência de uma dependência entre a escola e o meio social, de forma a concluir que não existia uma educação ideal, só uma educação de classes” (p. 179).

O referido teórico chamava de “Trabalho” na perspectiva de, por meio de suas técnicas que utilizavam o trabalho manual, atribuir maior sentido histórico à prática pedagógica. Pois, segundo Gadotti (1999), “a necessidade do trabalho seria necessidade orgânica de se utilizar o potencial de vida numa atividade ao mesmo tempo individual e coletiva” (p. 177).

Neste sentido, a Pedagogia Freinet fundamenta-se em 4 (quatro) eixos, a saber: Cooperação; Comunicação; Documentação e Afetividade – numa compreensão do ato de educar enquanto construção coletiva.

Para esta finalidade, sinalizamos que Freinet elaborou as “Invariantes Pedagógicas” que se constituem como “princípios pedagógicos que não variam seja qual for o povo que os aplica” (SAMPAIO, 1989).

Dentre as tantas invariantes significativas – elaboradas por Freinet – destacamos a 27ª que afirma que “a democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas”.

Pontuamos esta invariante por entendermos que, no CIEP 411, busca-se desenvolver uma Educação Integral – ou seja, contribuir para o desenvolvimento mais completo possível para o educando (COELHO, 2009).

Neste enredo, convém destacar que a Pedagogia Freinet é composta por variadas técnicas – enquanto um conjunto de práticas que alicerçam o fazer pedagógico no cotidiano escolar, a saber: a expressão livre; a roda de conversa; o conselho de cooperativa; o texto livre; o livro da vida; os cantos de atividades diversificadas; a imprensa na escola; duplicadores (mimeógrafos, limógrafos, máquina de escrever, papel carbono, xérox, fax, impressora de computador); o jornal escolar; o jornal mural; o jornal falado – na classe, no gravador, no rádio, no vídeo; os fichários para consulta ou auto-correção; os planos de trabalho (semanais e mensais); as palestras dos alunos; avaliação formativa – os brevês; a biblioteca de classe; a aula das descobertas – a aula passeio; o estudo do meio (ecológico, social, cultural e político); a troca de saberes entre as crianças; a correspondência (interescolar e inter-professores) do correio à internet; o encontro dos correspondentes; a expressão livre – artes plásticas, dança, teatro, música, fotografia, vídeo, cd-room, moda; as exposições organizadas pelos alunos.

Dentre as muitas técnicas listadas, destacamos 3 (três) que, intimamente, se relacionam com a proposta desse artigo – a experiência dos “Envelopes Freinetianos”: a expressão livre; o texto livre e o jornal mural.

As técnicas evidenciadas acima foram escolhidas pois, nos “Envelopes Freinetianos”, os alunos tinham um espaço para se colocarem sem reservas e avaliarem o trabalho

desenvolvido nas aulas de “Estudo Dirigido” (a expressão livre), após esta reflexão, escreviam de maneira autônoma suas considerações (o texto livre) e, por fim, estes apontamentos modificavam a prática pedagógica e se desdobravam em atividades manuais – expostas fora da sala de aula (no jornal mural), no corredor do 3º andar, do prédio principal do CIEP, para que todos pudessem analisar o processo de construção de conhecimentos dos educandos.

E, por falar em “Envelopes Freinetianos”, convém esclarecer que os mesmos ficavam localizados do lado de fora da sala de aula e dialogavam, diretamente, com a prática pedagógica desenvolvida na aula de “Estudo Dirigido”.

Neste contexto, embasados nos pressupostos de Freinet, e elaborados a partir da reflexão sobre suas técnicas, os 3 (três) envelopes dispostos na parede – Felicito, Proponho e Critico – se configuravam num espaço de escrita espontânea para os alunos, de avaliação das atividades desenvolvidas na aula de “Estudo Dirigido” e, ainda, de construção de um sentimento de pertencimento do espaço escolar e de valorização do olhar do educando, na medida em que os alunos entendiam que suas contribuições – inseridas nos envelopes – seriam lidas, refletidas e consideradas.

Venha nos contar o que você acha sobre nossa aula de Estudo Dirigido?

Do lado de fora da sala de aula, eis uma pequena placa solicitando que os alunos pegassem uma ficha de papel e nela tivessem a possibilidade de, livremente, expressarem-se sobre a aula de “Estudo Dirigido”. Em seguida, a orientação era de inserirem num dos três envelopes dispostos na parede do corredor, a saber: Felicito, Sugiro e Critico.

No que tange ao envelope “Felicito”, os alunos tinham um espaço para darem os parabéns a alguma aula específica, atividade, dinâmica, fala apresentada ou mesmo sobre o sentimento obtido ao longo da aula.

Com relação ao envelope “Sugiro” se configurava num campo de possibilidade para que os alunos dispusessem suas contribuições e sugestões para a aula, temas a serem abordados e, ainda, atividades a serem desenvolvidas.

Já referente ao envelope “Critico”, os alunos tinham a possibilidade de pontuar suas insatisfações com a tarefa desenvolvida, com a organização da turma ou, também, com os encaminhamentos ofertados – dentre um mar de possibilidades avaliativas.

Em tempo, destacamos que todos os envelopes se configuram num instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica desenvolvida no processo de ensino-aprendizagem.

Não era obrigatória a assinatura do nome por parte dos alunos, pois eles tinham a liberdade de preservar o anonimato em suas contribuições, assim como foram inseridas, ao longo deste artigo, as contribuições dos alunos. Nesta perspectiva, a fim de exemplificar um dos significativos processos educativos desenvolvidos nesta proposta, sinalizamos, no recuo abaixo, o relato de uma das aulas para ilustrarmos os passos caminhados e os resultados obtidos.

Certa feita, levei os alunos para o pátio da unidade escolar a fim de trabalhar ‘formas geométricas’. Fiz a leitura do livro “Uma incrível poção mágica” – de Sin Ji-Yun e Choi Hye-Yong. Na sequência, fizemos várias atividades de construção de formas geométricas a partir da expressão corporal. Foi uma alegria ver os alunos interagindo, dando as mãos para construir, juntos, as formas solicitadas. Após, este momento mais lúdico, enquanto proposta de produção escrita, dividi a turma em grupos (uma das solicitações que inseriram no envelope “Sugiro”) e pedi que, cada grupo, elaborasse uma receita de uma ‘poção mágica’ – de forma a trabalhar, coletivamente, a estrutura deste gênero textual, a noção de quantidade e a escrita coerente com a confecção de uma receita (ingredientes, modo de preparo, rendimento, etc.). Os alunos criaram diversas poções (do amor; da morte, etc.) mas, no meio da atividade teve um aluno que faltou com respeito a um de seus colegas – o que fez com que se parasse toda a atividade e fizéssemos uma discussão acerca do respeito ao próximo e da importância da construção e do fortalecimento dos laços humanos em todos os espaços sociais, principalmente, no cotidiano escolar.³

Foi um momento muito especial. Em primeiro lugar, pela nossa compreensão de que todos os espaços se constituem enquanto territórios ‘socioeducativos’. Tanto que esta atividade pedagógica da aula de ‘Estudo Dirigido’, realizada no pátio da escola, veio a confirmar esta perspectiva e desnudar um mar de infinitas possibilidades.

O relato, disposto acima, nos oportuniza (re)pensar o que temos por objetivo para com a educação que promovemos e, ainda, perceber o quão vivo é o cotidiano escolar – tanto que, após esta atividade e toda a mediação realizada, uma das contribuições encontradas nos ‘Envelopes Freinetianos’ trazia a seguinte avaliação:

– “Tio eu adorei a tua palavra e muito do que foi dito. Eu adorei a aula... Muito”.

Quando foi realizada a leitura desta mensagem, foi impossível conter a emoção – ainda mais por tentar pensar no que foi ‘dito’, durante a aula, que, porventura, viesse a tocar, profundamente, a vida desse sujeito aluno. Ao tentar trazer à memória qual ‘palavra’ foi usada que, assim como uma semente em solo fértil, veio a produzir ‘vida’ naquele dia e marcou a

³ Fragmento retirado do “Diário de Campo” do professor – no qual eram registrados os planejamentos e as narrativas das experiências desenvolvidas bem como as reflexões oportunizadas no cotidiano escolar.

vida daquela criança, houve a certeza de que a palavra foi ‘diversidade’ – necessidade de se respeitar o diferente e não produzir, a partir da diferença, mais desigualdade em nossa sociedade. Convém ressaltar o quanto é importante ter uma compreensão da educação de forma mais ampliada e, a cada dia, buscar materializar práticas educativas que alcancem aos alunos e promovam uma educação, efetivamente, integral.

Perspectiva esta que, diretamente, dialoga com os aportes teóricos da Educação Social quando, em Caliman (2010) encontramos sinais de busca por uma formação humana mais completa aos sujeitos do processo educativo.

É possível construir soluções pedagógicas que ajudem na superação dos problemas vividos pelas pessoas e grupos. E a Educação faz com que tais soluções aconteçam a partir de dentro das pessoas mesmas, através do estímulo ao conhecimento, de sua capacidade de compreensão, sua visão do mundo, do estímulo ao seu desenvolvimento integral. (CALIMAN, 2010, p. 352)

Certos dessa relevante conexão no exercício de práticas educativas significativas, trazemos, na sequência, a socialização dos dados coletados ao longo do último bimestre de 2016 – referente às contribuições dos educandos sobre a aula de “Estudo Dirigido”. Vamos democratizar?

Dados Coletados

“O principal fim da educação é o crescimento pessoal e social do indivíduo, elevar a criança a um máximo de humanidade preparando-a não apenas para a sociedade atual, mas para uma sociedade melhor, fazendo-a avançar o mais possível em conhecimento num constante desabrochar”.
(Célestin Freinet)

Após toda discussão teórica que vimos apresentando, no início deste artigo, em articulação com a narrativa de uma das aulas de “Estudo Dirigido” desenvolvida no cotidiano escolar do CIEP, trazemos, neste momento, a descrição dos dados coletados a partir das contribuições dos educandos no desenvolvimento desta atividade pedagógica denominada “Envelopes Freinetianos”.

Como já pontuamos, anteriormente, a atividade foi desenvolvida com os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, durante o último bimestre de 2016, num CIEP localizado no município de São Gonçalo (RJ). Neste sentido, sinalizamos que, ao todo, obtivemos 98 (noventa e oito) contribuições nos envelopes dispostos no corredor do terceiro andar do prédio principal, sendo que, deste quantitativo, cerca de 83 (oitenta e três) foram bilhetes referente a felicitações, 8 (oito) com relação a proposições e, ainda, 7 (sete) veiculado às críticas.

Percebamos que a maioria das inserções se pautaram no campo das felicitações – o que demonstra que grande parte dos alunos avaliava como sendo significativa as atividades desenvolvidas na aula de “Estudo Dirigido”, como podemos observar nos fragmentos assinalados abaixo:

Felicito:

- _ “Eu adorei a sua aula”.
- _ “Adorei a aula de cartões de natal. Foi muito legal”.
- _ “Eu acho legal mesmo”.
- _ “Adorei a aula. Desafio legal”.
- _ “Eu gostei muito. Até que a gente ganhou”.
- _ “Você é o melhor professor do mundo”.
- _ “Seu trabalho é ótimo”.
- _ “Tio, eu gosto do teu trabalho. Muito mesmo. E, você, é o melhor professor que tem no mundo”.⁴

Nos fragmentos, acima, destacamos, apenas, dez por cento das contribuições dos educandos (ou seja, cerca de oito frases do quantitativo total) que nos confirmam o quanto os alunos estavam felizes com o trabalho pedagógico desenvolvido nas aulas e, ainda, a possibilidade de se colocarem – avaliando todo o processo educativo oportunizado. Na sequência trazemos 3 (três) proposições fornecidas pelos alunos e 3 (três) críticas que, direta ou indiretamente, ampliaram nossa capacidade de reflexão acerca do trabalho pedagógico.

Proponho:

- _ “Podia sortear os grupos”.
- _ “Vamos fazer brincadeiras”.
- _ “Tem que dar desafios”.

Critico:

- _ “Eu não gostei dessa aula”.
- _ “A aula foi muito mais ou menos”.
- _ “Não gostei por que nós não participamos dessa aula”.

⁴ Contribuições dos educandos inseridas nos “Envelopes Freinetianos” – dispostos no corredor do 3º andar do CIEP. Precisamente, “Fora da Sala de Aula” de “Estudo Dirigido”.

Os recortes acima sinalizados favorecem para que identifiquemos a espontaneidade das crianças em fazer suas sugestões que, em tempo oportuno, foram incorporadas ao planejamento das aulas. Podemos observar, também, as suas críticas, como a última do destaque acima (“Não gostei por que nós não participamos dessa aula”) – que se referia a uma turma que não possuía a aula de “Estudo Dirigido”, no entanto, muito solicitava dela participar.

E, nesta perspectiva, o horário de atendimento foi (re)organizado a fim de que esses alunos fossem contemplados em suas solicitações e pudessem participar da aula. Uma decisão que foi tomada por se levar em consideração a voz dos educandos e o aspecto mais importante da prática pedagógica: o exercício, efetivo, da democracia.

Faz-se necessário destacar que apenas este movimento de expressão muito contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, na medida em que eles percebem que possuem vez e voz no cotidiano escolar. No entanto, como – efetivamente – a proposta se baseava na construção de uma escola mais democrática, essas vozes impactaram o planejamento, a organização, a avaliação e a dinâmica das atividades propostas – mesmo com o pouco tempo de desenvolvimento.

Considerações – nunca – Finais

Embora a atividade estivesse atrelada à aula de “Estudo Dirigido” e, consecutivamente, aos alunos que dela faziam parte, não foi difícil encontrar, esporadicamente, alunos do anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) que paravam em frente aos “Envelopes Freinetianos” e faziam contribuições diversas – que não se atrelavam à aula, especificamente, mas à escola como um todo: seja parabenizando aos professores do segundo segmento do ensino fundamental ou mesmo criticando a alimentação e/ou a organização escolar – o que nos possibilita inferir a necessidade que esses alunos possuíam de um espaço para a livre-expressão e a apresentação de seus posicionamentos frente às demandas que possuíam neste cotidiano.

O tempo de realização da atividade pedagógica foi relativamente curto – apenas um bimestre – mas, no entanto, podemos afirmar que a disposição dos envelopes no corredor do terceiro andar da unidade escolar muito contribuiu para a construção deste espaço de livre-expressão e de democratização das relações no cotidiano escolar – uma vez que, como foi apresentado ao longo deste artigo, as contribuições dos alunos eram valorizadas e levadas em consideração.

Destacamos que, na convivência cotidiana, temos a possibilidade de construir uma pedagogia que acolha aos alunos, perceba suas demandas, dialogue sobre suas necessidades, valorize os laços humanos que, neste espaço, se fortalecem e, ainda, que contribua para a formação humana mais completa dos educandos – o que nos faz articular os conceitos de Educação Integral e Educação em Tempo Integral com a prática socioeducativa da Educação Social fundamentada nos pressupostos da Pedagogia Social.

Mas, também, de trazermos, neste bojo, as contribuições da Pedagogia da Convivência, pois, segundo Graciani (2011), “quando nos sentimos acolhidos, ouvidos, valorizados, integrados e amados, desenvolvemos a autoestima e nos disponibilizamos para a aprendizagem” (p. 95) – e a autora ainda afirma que “é essa a proposta da chamada Pedagogia da Convivência”.

Desse modo, acreditamos que a experiência desenvolvida com os “Envelopes Freinetianos” veio a incorporar no CIEP 411 uma poética pedagógica diferenciada na qual os alunos tiveram novas possibilidades de aprendizagem a partir de um olhar afetivo – levando em consideração que “toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva”, como nos pontua Alves (2004, p. 52).

Podemos destacar, em tempo, que a afetividade entre os alunos e os educadores aumentou ao longo deste processo – o que nos leva a concluir, caso seja possível, que quando um educador, em qualquer espaço educativo em que esteja inserido, percebe o educando integralmente e, no *lócus* em que está inserido, busca materializar ações que democratizem, ainda mais, as relações estabelecidas tem-se a oportunidade de desenvolver uma educação social de qualidade.

Nesse caminhar para as últimas tessituras deste artigo, trazemos, a seguir, uma sequência didática a fim de exemplificar uma das aulas de “Estudo Dirigido” e seus desdobramentos com relação à avaliação dos educandos, problematização das demandas apresentadas e o desejo de colocar nesta ‘conversa pedagógica’ todos os conceitos estudados até o presente momento – educação integral; educação em tempo integral; pedagogia social; educação social e pedagogia da convivência – em diálogo com os aportes de nosso grandioso pensador Célestin Freinet.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Contribuição inserida nos ‘Envelopes Freinetianos’:

Envelope ‘Proponho’ – “Podia sortear as duplas” – (Sugestão de três alunos para a realização das atividades propostas na aula de “Estudo Dirigido”).

Objetivo da atividade pedagógica:

Desenvolver uma escuta sensível dos alunos e possibilitar uma reflexão acerca dos sentimentos dos educandos.

Desenvolvimento:

- Apresentação da composição “O quebra-nozes” de Piotr Ilitch Tchaikovsky;
- Diálogo com os alunos sobre o sentimento obtido ao ouvirem a música erudita do compositor russo;
- Socialização da “História do quebra-nozes” – perguntar aos alunos se eles a conhecem e, na sequência, fazer a narrativa do conto;
- Ler o capítulo XXI do livro “O pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry;
- Desenvolvimento da dinâmica do barbante: Em roda, cada aluno – de posse do barbante – escolhe um colega que esteja no seu campo de visão e ‘passa’ o rolo de barbante junto com uma palavra de motivação, agradecimento ou, ainda, de desejo positivo para com o amigo;
- Divisão da turma em duplas para a realização de uma ‘caricatura’ do amigo com quem formava par (olhando para o colega, o aluno deveria reproduzir sua imagem – enquanto caricatura, ou seja, com os exageros que a caracteriza, ao mesmo tempo em que o outro fazia também a mesma atividade).

Discussões oportunizadas:

- Importância da concentração para ouvir além do que a audição possa perceber – encontrar outros sentidos no desenvolvimento de uma escuta sensível;
- A música erudita enquanto um estilo diferente do cotidiano dos educandos, mas importante para o enriquecimento cultural dos mesmos;
- Natal enquanto o ‘nascimento’ de ações pautadas numa educação em direitos humanos – que humanize e democratize as relações no cotidiano escolar;
- O fortalecimento dos laços humanos como ferramenta de melhor convivência no meio social;
- Necessidade de interagir e de perceber o outro – pois, a partir desta prática se materializa processos de exercício da própria democracia;
- Potencialização da forma de perceber o outro – seus traços característicos e o que difere dos demais (unidade na diversidade).

Após esta sequência didática na qual buscamos evidenciar as contribuições dos alunos – inseridas nos envelopes – enquanto fator direcionador da prática pedagógica, além do objetivo, de todo o desenvolvimento da atividade e, ainda, dos desdobramentos oportunizados nesta aula de “Estudo Dirigido”, trazemos, a seguir, a narrativa das observações colhidas no decorrer da aula e registrada no diário de campo – enquanto instrumento metodológico de ação-reflexão-ação da prática educativa desenvolvida.

“Vieram poucos alunos (isso facilitou no desenvolvimento da atividade). Mas, penso que, mesmo não alcançando a todos, precisamos trabalhar os sentimentos, as emoções, desenvolver a capacidade de expressão dos alunos, melhorar a comunicação e a interação entre os pares com base no respeito e na valorização do próximo”. (DIÁRIO DE CAMPO DO PROFESSOR, 2016)

As observações registradas no diário de campo, fornecem subsídio para fortalecermos as experiências educativas – enquanto produtoras de importantes conhecimentos – e, ainda, de ampliarmos as reflexões acerca do fazer pedagógico no cotidiano escolar. Percebamos que os registros apontam para a necessidade de se desenvolver uma prática com o olhar pautado no desenvolvimento afetivo – uma vez que o mesmo se configura pressuposto para a aprendizagem. Neste contexto, a livre expressão, o trabalho com as emoções e com os sentimentos – dentre outros – nos exige esta postura pedagógica de educador integral e, ainda, uma visão ampliada acerca do próprio papel social da educação, pois, como nos sinaliza Restrepo (1999) apud Jares (2008):

Ao negar a importância das funções afetivas, a educação se afirma no pedantismo do saber, que se mantém subsidiário a uma concepção de razão universal e apática, distante dos sentimentos e afetos, afiançadora de um interesse imperialista que desconhece a importância de ligar-se a contextos e seres singulares. (p. 41)

Observemos quão rica é esta singela ‘sequência didática’ apresentada bem como as reflexões oportunizadas e as memórias registradas que avaliam o desenvolvimento de toda a atividade e, ainda, o quanto elas revelam possibilidades de problematização no que tange ao papel da educação, nesta contemporaneidade, a função social da escola bem como de demais instituições educativas e, ainda, da importância de se acreditar numa educação mais democrática e, nesta perspectiva, desenvolver ações que alcancem o educando e contribuam para o seu desenvolvimento integral. Acreditamos que esta sequência nos fornece elementos para pensarmos acerca das diferentes linguagens que compõem à educação, da necessidade de muita sensibilidade para, além do cognitivo, contribuirmos no desenvolvimento humano mais completo dos educandos e da importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem

– uma vez que, em tempos de fragilidade nos laços humanos (BAUMAN, 2004), um olhar ‘fortalecido’ sobre o outro tem o poder de solidificar as relações e ampliar o campo de formação dos educandos.

Uma formação que valorize a educação integral, em tempo integral, fundamentada na pedagogia social e com as contribuições do significativo Célestin Freinet... Só pode ser uma educação (para o) social!

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, N. e OLIVEIRA, I.B. (Orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____, Rubem. **Ao professor, com o meu carinho**. Campinas (SP): Verus, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de Ciências da Educação – UNISAL – Americana/SP-Ano XIII- N°23- 2º Semestre/2010**.

COELHO, Lígia Martha C. da Costa. História(s) da educação integral. Brasília: **Em Aberto**, v. 22, n.80, p. 83-96, abr., 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.

GRACIANI, Maria Stela Santos. A formação do educador social e a Pedagogia da Convivência. In: RAMOS, Marcos Fadenelli; ROMAN, Arthur (Org.). **Educadores Sociais: a importância da formação na implementação de novas tecnologias**. Brasília (DF): Fundação Banco do Brasil, 2011.

JARES, Xesús R. **Pedagogia da Convivência**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

OLIVEIRA, I.B. e GERALDI, J.W. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. In: OLIVEIRA, I.B. (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.